

Comunicação, cultura e sociedade: uma abordagem a partir do filme Estranhas ligações

Marcos Väilan

Estudante de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.

Resumo

Este trabalho pretende analisar o filme *Estranhas ligações*, dirigido por Delphine Gleize em 2002, que trata, sob diversas óticas, questões pertinentes para o campo da comunicação e ciências humanas em geral. As relações dos personagens com o meio ambiente, entre eles, e principalmente, com a cultura, suscitam questões que merecem ser tratadas e discutidas, tendo como base a obra citada acima. Autores que podem auxiliar esta tarefa serão citados, e a contribuição intelectual destes exposta, havendo assim, uma interação entre a produção teórica e a reprodução das práticas cotidianas, retratadas na produção cinematográfica, que foi concluída em 2002.

O FILME: UMA BREVE DESCRIÇÃO

Primeiramente, recordarmos que estamos passando por uma época definida por muitos como pós-modernidade, e acenamos que uma característica desta é a multiplicidade de interpretações, e que o leitor deve estar atento para esta observação, que será muito útil para a atividade reflexiva que o tema exige. Utilizamos nossas próprias referências para analisar os mais diversos atos e posturas levantadas, além das diferentes situações que passamos pelas fases anteriores de nossas vidas.

Um touro, uma arena, público, televisão, estradas, avanço tecnológico, identidades, e diversos outros elementos compõem o filme. É confuso delimitar que influência cada item exerce sobre o outro, ou seja, há visível semelhança com a realidade que vivenciamos. Contudo, o que chama atenção principalmente na produção é o bovino, que percorre uma longa jornada, tanto vivo como abatido. O animal é, por muitas razões, possuidor de uma característica que remete a variadas produções de signos, utilizada com fins de subjetivação, identificação, entre outras. Temos como exemplo as metáforas que advêm da figura simbólica que ele remete, como dizer que tal pessoa “é forte como um touro”, a proximidade histórica da relação de ambos, explicada pelo uso do animal como força de tração, transporte, alimento, vestuário, hábitos que se perpetuam desde de muito tempo. O que melhor caracteriza visualmente o touro são seus chifres, e eles dão partida às “estranhas ligações”.

Uma tradicional tourada na Espanha acontece em determinado dia ensolarado. O espetáculo agrega o sentimento cultural do povo espanhol devotado às suas tradições, que prestigia com interesse elevado o evento; a atitude instintiva de um ser que é fustigado em nome disso; cobertura da mídia, que transforma em espetáculo universal uma coisa própria de uma determinada nação, que deixou afluentes pelo mundo devido a sua circulação na época das Grandes Navegações, e é objeto de apreciação de uma cultura para as demais que se interessem por maximizar seus conhecimentos, e o suporte logístico e tecnológico dado para a promoção de tal ocorrência, bem como ao fim reservado ao bovino. Sem surpresas, o toureiro lança-se à liça, desfere golpes contra seu opositor, entretanto, é ferido no meio do combate, pois, o aquele touro não enxergava com os dois olhos, e sendo caolho pendia para uma inclinação pouco comum aos seus algozes.

Uma criança francesa vê o espetáculo pela TV, fica impressionada com ele e a partir disto, cria situações inusitadas para seus familiares e pessoas próximas. Inventa o neologismo “enchifrado”, referindo-se ao toureiro que vira ser ferido na arena. O comportamento da pequena é alterado pela interpretação que teve do ocorrido. Aquilo era algo estranho, que estava distante do seu local

de habitação, mas ao mesmo tempo, naquela hora, tão próximo: dentro de casa, pela TV. Enquanto isso, o rapaz atingido pelo animal é transportado às pressas para um hospital. O bovino é morto e segue um caminho que tem, no futuro, várias vias. Após a execução nada discreta e tranqüila, um abatedouro com um suporte tecnológico o desmembra, e destina suas partes para diferentes cantos da Europa.

O ambiente austero e anti-séptico do hospital é perturbado por amigos do toureiro, que em nome de sua cultura, carregam consigo, para dar posse ao jovem, as orelhas do animal que duelou com ele. Estão à espera de uma doação de um fígado para o rapaz, que segue os passos do pai. As partes do touro migram para terras distantes, e, de alguma forma, ligam as histórias de cada um dos personagens já apresentados e de outros, que são muitos. Uma mãe e seu filho na Bélgica; uma atriz confusa no norte da França; mãe e filha que estão em conflito, entre a Espanha e a França; um filósofo absorvido em pensamentos obscuros, sempre as voltas com quedas acidentais; um casal com problemas devido a gravidez da senhora da dupla.

A língua falada troca a cada momento, é fácil perder a noção de localidade. O comportamento de alguns personagens os identifica como pertencentes a um determinado país, já nos de outros a interrogação permanece até que se pronunciem quanto a esta questão. Algumas situações ocorridas são bem interessantes: numa rodovia bem capeada, com sinalização auxiliada por instrumentos eletrônicos, transitam automóveis de “última geração” e uma velha caminhonete carregando um touro morto, babando pela via; uma jovem italiana, que mora na França, e se veste de espanhola para vender os ossos do touro que, não por coincidência, é o mesmo que foi arrebatado na arena; o filósofo que passa um trote para a senhora grávida do casal já citado, e para outras pessoas, a procura de resposta para uma questão sem sentido perceptível no primeiro momento, e o mesmo sempre se encontra com o chão em ocasiões múltiplas, dando um ar de instabilidade de si próprio; a mãe e o filho que vivem na Bélgica discutem porque o rapaz está adquirindo o sotaque do país que o abriga, o que causa desconforto na senhora que o gerou.

E ainda há mais situações inusitadas: o olho do touro é analisado por um laboratório; um tratamento para auxiliar na fecundação de uma mulher dá resultado além do esperado; a menina impressionada pelas cenas da tourada ajuda a desvendar um mistério na vida de sua professora; a mesma garota aparece, emblematicamente, usando “chifrinhos” luminosos, algo que já havia feito antes, mas com papel laminado.

Relacionando o filme com autores e pensamentos relevantes para a comunicação, sociedade e cultura.

O avanço tecnológico acarretou mudanças num curto espaço de tempo. Os movimentos de desenvolvimento são esperados e executados desde que se conhece a história, mas na modernidade, em particular, a aceleração foi a maior já relatada (SEVCENKO, Nicolau. 2002). Em um curto espaço de tempo (principalmente nos séculos XIX, ao seu final, e XX, em seu início – período do ápice da modernidade) os transportes, dentre outras áreas, sofreram mudanças sensíveis (COSTA, Ângela Marques da, e SCHWARCS, Lilia Moritz. 2000). No filme podemos utilizar como exemplo a rodovia que tem um veículo transportando um touro, que há pouco era utilizado como meio de tal ação.

Mas os elementos referentes à pós-modernidade são ainda mais visíveis. A pós-modernidade têm como uma de suas características a incerteza sobre o futuro, ao contrário do pensamento moderno. O excesso de histórias interligadas, de línguas e interpretações de *Estranhas Ligações*, remete ao pensamento de Nicolau Sevcenko sobre quanto a estarmos em um movimento de loop numa montanha russa. Este processo vem se precipitando sobre nossas mentes já há bastante tempo, na modernidade se iniciou o processo, e para evidenciar este fato no filme não é preciso se esforçar muito. A cultura foi reconhecida como fator principal para a orquestrar as relações e ganhou autonomia algo que surpreenderia um dos muitos intelectuais da modernidade e suas previsões de racionalização e subjugação da mesma por fatores antes tidos como mais importantes, tais como o desenvolvimento tecnológico financeiro e organizacional (SEVCENKO, Nicolau. 2002).

O domínio dos códigos culturais, como postura, gestos, linguagem, entre outros, aponta para um novo tipo de sujeito que surge em larga escala: o cosmopolita. O antropólogo Ulf Hannerz faz uma definição do que seria o cosmopolita: alguém que domina os códigos de uma determinada que não a sua. O seu local de origem não é um fator determinante em sua vida (HANNERZ, Ulf. 1998). A jovem italiana, que se veste de espanhola, mas mora na França, serve de exemplo para demonstrar o cosmopolitismo. As pessoas que convivem com ela só sabem de suas raízes ítalas quando ela relata o fato.

A questão levantada acima nos leva a pensar a questão do lugar e do sentimento de pertencimento. O sociólogo mexicano Nestor Garcia Canclini em diversas obras publicadas se manifesta sobre os efeitos da globalização e como esta influi sobre o local, já que diversas ações se tencionam para a formação de uma cultura global em oposição á cultura local (CANCLINI, Nestor Garcia. 2003). As cidades são o ambiente propício para refletir sobre o tema: todas de alguma forma se parecem, possuem lugares em que os códigos são similares, tais como aeroportos, shoppings, etc.

Contudo, podemos afirmar que nenhuma cidade é igual a outra e haverá muita dificuldade para ocorra tal fato. Mesmo em lugares com códigos

similares pode haver produção de outros que dêem uma significação diferente daqueles outros cujo exista semelhança. O estudioso hispano-americano questiona o fato de possivelmente não haver referências sobre as origens dos cidadãos neste movimento de globalização. Encontramos o fato no filme expresso em algumas cenas: a senhora que briga com seu filho por ele falar como cidadão belga indica que há valorização do local de proveniência de ambos, conclui-se que seja a França.

O local e as origens são ressaltadas como algo de importância sublime para alguns, fato que é observado em quase todos os cantos do planeta. Em contrapartida, vemos na mãe e na filha em conflito (utilizando os termos que nos reportamos anteriormente para descrever alguns dos personagens) o uso de línguas diferentes, dependendo da ocasião, pois, aparentam ser espanholas, moram na França, a filha dá aulas para crianças francesas, enfim, são competentes em vários aspectos, mas dificilmente identificáveis como pessoas de um determinado local.

A cultura, neste mix que apresenta a obra cinematográfica, é, sobre muitos ângulos, exibida aos telespectadores de forma escancarada, fazendo que surjam questões interessantes para o campo da comunicação, além das já relatadas acima. Quando a jovem italiana se veste de espanhola, ela o faz para vender ossos do bovino morto na arena que, na propaganda utilizada, faz uma ligação entre primitivo e civilizado, já que afirma que dar um osso a um cachorro o faz retornar seus instintos primitivos. O que há de primitivo em um cachorro roendo um osso? Se postos em ambientes adequados, os próprios cães podem caçar, mas não por causa disso serão mais ou menos primitivos, apenas seguirão seus instintos, o diferencial é dono, que recebe o impacto cultural a todo momento. A cultura atual levou à fabricação de rações e biscoitos caninos, relegando a segundo plano os bifés de outrora, que geralmente traziam uma parte do esqueleto do animal devorado. Ao tentar vender ossos em embalagens, em forma de presente, houve uma nova categorização que conferiu mais status a coisas ditas “primitivas”, dando um novo sentido cultural. A cultura se torna, assim, fator de principal importância e relevância, fazendo com que apareçam pessoas hábeis, que sabem tirar proveito deste fato, que no caso, são os ditos “especialistas culturais” (FEATHERSTONE, Mike. 1997).

CONCLUSÃO

O filme, como dissemos anteriormente, levanta uma série de abordagens, interpretações e maneiras de se pensar cultura, sociedade, e principalmente, no nosso caso, comunicação, que interage com todas essas áreas para formular suas teorias. As possibilidades que o filme *Estranhas ligações* nos dá são imensas, e é pouco provável que neste curto texto pudéssemos ressaltar todos os aspectos e temáticas contidas na produção, relacionando-as com todas viáveis linhas de produção teórica existentes nas ciências. Porém, aquilo foi escrito

nestas linhas serve para indagar uma outra infinidade de questões, entre elas o papel da cultura na sociedade atual, os códigos e seus usos, as identidades, o cosmopolitismo, como o global e o local se relacionam numa cultura julgada como globalizada, e outras mais.

O filme é uma típica produção da pós-modernidade, tão alucinante quanto um loop na montanha russa, confuso e diverso, híbrido, multifacetado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura: globalização, pós modernismo e identidade . Cap. 2 – a autonomização da esfera cultural. São Paulo, 1997. Livraria Nobel.

CANCLINI, Néstor Garcia. A globalização integrada . Cap. 7 – Capitais da cultura e cidades globais. São Paulo, 2003. Iluminuras.

SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa. Introdução e Cap – II Máquinas, massas, percepções e mentes. São Paulo, 2001. Editora Schwarcs.

HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultura global. In Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade (org. FEATHERSTONE, Mike). Petrópolis, 1998. Editora Vozes.

COSTA, Ângela Marques da, e SCHWARCS, Lilia Moritz. 1890-1914: no tempo das certezas. Cap. I – pelo mundo: estamos no fin de siècle e na belle époque . Cap. II – O Brasil como cartão postal. São Paulo, 2000. Editora Schwarcs.

GLEIZE, Delphine. Estranhas ligações (nome original: Carnage). (obra cinematográfica). 130 min. França, Bélgica, Espanha, Suíça, 2002.